

# mudar a



publicação do graal

30.

NOVEMBRO/DEZEMBRO 1980

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*



## NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

### CRISE DE CRESCIMENTO

De acordo com a definição dada pelo dicionário, uma crise é não só uma situação problemática que se prolonga durante algum tempo, mas um **ponto de viragem**. Um doente em crise ou morre ou recupera mas não se mantém indefinidamente na situação em que está. Ora é precisamente isso que se passa com a cultura ocidental: ou ela continuará a declinar (um doente pode morrer de superalimentação) ou encontrará uma nova vitalidade que a levará a recuperar.

O estudo empreendido por Omauer e Galtung sobre dez nações — publicado com o título «Imagens do mundo do ano 2000» — constata que o mundo ocidental mostra sinais de crise, em particular quando se compara com o chamado mundo «menos desenvolvido».

Uma das verificações feitas é a de que quanto mais elevado é o desenvolvimento técnico-económico de um país, maior é o seu nível de cepticismo e de pessimismo em relação à ciência e à tecnologia. As populações das sociedades altamente desenvolvidas do ponto de vista científico e técnico parecem dizer: «basta». Por outras palavras, o sentimento geral é, já não o de que se está no **começo** de uma nova e grande era, mas o de que se está no **termo** de alguma coisa. É como se as pessoas tivessem alcançado um tecto e estivessem a bater com a cabeça contra ele. O tipo de desenvolvimento dos países altamente industrializados não se auto-estimula indefinidamente. O apetite nem sempre cresce com o aumento do consumo. É nesse sentido que a expressão «fadiga do desenvolvimento» é cada vez mais utilizada.

Nos países menos desenvolvidos as atitudes e expectativas manifestadas são totalmente diversas. Há muito entusiasmo e mesmo fé na ciência e na tecno-

logia e, de um modo geral, um grande optimismo e confiança no futuro.

Será este sentimento de «fim de século», ou melhor, de «fim de milénio», aquele que melhor caracteriza a cultura ocidental? A maioria dos indicadores vão, sem dúvida, nessa direcção. Mas há o outro lado da medalha. Vou tentar referir aqui algumas das forças internas que poderão ultrapassar este fatalismo e pre-annunciar o **começo** de uma nova era.

### CONTROVÉRSIAS IDEOLÓGICAS

Os novos germens de desenvolvimento raras vezes partem de um vacuum. Em geral, são uma reacção ou, em termos dialécticos, uma negação de uma situação dada ou de uma corrente dominante.

No nosso caso, importa desde já esclarecer que a controvérsia tradicional entre «**esquerda**» e «**direita**», ou em termos mais específicos, a controvérsia entre liberalismo e socialismo não é a que nos interessa, dado que uma e outra ideologia estão associadas à era do industrialismo. O que nos interessa é a controvérsia que marca a transição da cultura ocidental da era industrial para uma nova era, a que poderemos convencionar chamar «trans-industrial».

Nessa controvérsia se integram os debates cada vez mais generalizados sobre o tipo de crescimento económico que se pretende atingir, sobre a concentração ou descentralização administrativa, sobre o «gigantismo» e burocratização das instituições, sobre a crescente dependência dos cidadãos em relação ao Estado. Para além dos aspectos de organização social, por mais importantes que sejam, está, porém, subjacente uma outra questão: a do próprio fundamento da mo-

derna cultura ocidental, enquanto cultura profundamente marcada por preocupações materialistas.

Por preocupações materialistas entendo tudo o que se refere à satisfação das chamadas necessidades de manutenção. Basta pensar no papel preponderante que a ciência económica adquiriu no conjunto das ciências sociais. A história da civilização europeia é, desde Adam Smith, via Marx, uma história primariamente económica.

Não que essa preocupação não seja importante (longe de nós menosprezá-la!). O ênfase no crescimento económico, no trabalho intensivo, na acumulação de riqueza contribui, de forma decisiva, para o aparecimento da moderna **sociedade de bem estar**, onde os problemas da pobreza e da miséria se encontram, pelo menos em grande parte, resolvidos. Tal é, sem dúvida, uma das grandes realizações da civilização ocidental.

A questão está em saber a que é que isso nos conduz.

Segundo a teoria da «hierarquia das necessidades» de Maslow, o crescimento e desenvolvimento de uma pessoa implica que, quando um certo nível de necessidades é satisfeito, ela dê um salto para um nível mais alto, mediante uma escolha deliberada. Se essa mesma teoria for aplicada à cultura ocidental, verificamos que esta se encontra em fase de vir a realizar um salto qualitativo, mediante uma escolha fundamental. Essa escolha será a da passagem da preocupação com os assuntos económicos para os assuntos culturais ou, em termos marxistas, da infra-estrutura para a super-estrutura.

## ACTORES DA MUDANÇA

Que forças sociais poderão vir a ser a «vanguarda» deste processo de transformação? Referirei apenas alguns dos **movimentos sociais** que me parecem mais significativos, deixando de lado outros possíveis actores.

### 1. Movimento ecológico

O movimento ecológico emergiu no fim dos anos sessenta como uma das mais fortes correntes de mudança social, com ramificações em todos os países.

Em anos recentes houve mesmo tentativas de converter as forças sociais de pendor ecológico em partidos políticos. Basta lembrar os esforços para formar um partido ecológico europeu (Ecoropa) quando das eleições para o Parlamento Europeu, em 1979. Alguns — optimistas! — acreditam mesmo que o movimento ecológico virá a ser a quinta força política europeia, a par das correntes liberal, demo-cristã, socialista e comunista.

Em matéria de ideologia, verifica-se um salto entre as preocupações ambientais, no sentido estrito, e as preocupações ecológicas, num sentido mais amplo. O cerne da questão já não é a preservação de um ambiente não poluído, mas uma nova e fundamental relação entre o homem e a natureza.

A natureza já não é olhada como uma «coisa» que

pode ser explorada e abusada, mas como uma companheira de jornada. Em certos círculos cristãos usa-se, a este propósito, o termo «intendência». O homem deixa de ser considerado senhor e dono da criação de Deus, para passar a ser o «intendente» a cuja guarda a natureza é confiada, a fim de que nenhum mal irreparável lhe seja feito.

### 2. Novos estilos de vida

Os movimentos de procura de novos estilos de vida baseiam-se, em larga escala, na noção de **simplicidade material**. O importante não é o ter; é o ser e o devir.

Os adeptos desta procura começam por subtrair-se à espiral do **consumo-produção**, típica do sistema capitalista. O seu objectivo não é, porém, a simplicidade ou o ascetismo enquanto valores; é antes a auto-suficiência. Procuram tornar-se tão independentes quanto possível não só do ciclo comercial como também das instituições de «protecção» características do Estado centralizado.

Tal atitude vai de par com uma nova **ética do consumo**. Face à propaganda consumista que lhes é imposta, perguntam:

- Aquilo que eu compro ou possuo desenvolve as minhas capacidades, a minha auto-suficiência, o meu empenhamento ou induz-me na passividade e na dependência?
- Encontro satisfação nos modelos de consumo que adopto e o que compro corresponde a necessidades reais?
- Tomo em consideração o impacto do meu consumo sobre as outras pessoas e sobre o equilíbrio da natureza?

Importa ainda referir que a simplicidade de que aqui se fala não deve ser equacionada com a pobreza material ou com um baixo custo de vida. O consumo pode diminuir quantitativamente, mas a sua qualidade melhora sensivelmente. O interesse dos que se situam nesta perspectiva aponta para bens duráveis, artesanais, saudáveis e esteticamente agradáveis, o que, em muitos casos, é mais dispendioso do que comprar produtos standardizados num supermercado.

### 3. Movimentos espiritualistas

Surgem como negação clara de uma das principais características da moderna cultura ocidental: o seu **secularismo**.

Para os movimentos espiritualistas a corrente que conduz à secularização representa um empobrecimento da cultura ocidental. Considerando o homem como um ser essencialmente religioso, os adeptos de um renascimento espiritual mostram-se decepcionados com a cultura ocidental em geral e com o cristianismo institucionalizado em particular, e voltam-se para o oriente à procura de inspiração.

O teólogo protestante Harvey Cox procurou investigar por que motivo tantos jovens se voltam hoje para as religiões orientais. As razões apontadas são, entre

outras: a necessidade de convívio e amizade; o desejo de experimentar a vida através de sensações, sem a intervenção de ideias e conceitos; e o desejo de um encontro pessoal real com Deus e com o sagrado. Alguns dos inquiridos referiram ainda a procura de uma nova autoridade (o «Guru»), as preocupações ecológicas e a libertação dos modelos masculinos característicos das crenças ocidentais.

Qualquer que seja a interpretação, estamos perante um «sinal de alarme» para a cultura ocidental. A questão não está em saber se os jovens do ocidente encontrarão ou não nas religiões orientais aquilo que procuram. Importa é reconhecer que a cultura ocidental tem vindo progressivamente a excluir certos elementos essenciais da existência humana. Com a preocupação de nos afirmarmos senhores do nosso próprio destino abandonámos valores como a santidade, o misticismo, o espiritualismo. Resta-nos saber se, sem esses valores, os homens encontrarão os caminhos da felicidade.

#### 4. *Movimentos feministas*

O processo de emancipação das mulheres revela várias etapas e pode ser visto sob diferentes perspectivas.

De uma primeira fase de luta pela conquista da igualdade de direitos, passa-se para uma segunda de rejeição dos modelos masculinos dominantes com a afirmação da identidade própria das mulheres e o desenvolvimento de uma sub-cultura feminista (lugares de encontro, meios de comunicação, instituições, etc.).

Uma terceira fase poderá vir a ser a de uma nova síntese, a que alguns chamam a de uma *cultura andrógina*. A relação dialéctica entre homens e mulheres seria assim conduzida a um nível mais elevado de unidade. Não que as características masculinas e femininas deixassem de existir: continuariam, mas sem hierarquias entre elas, e sem, sobretudo, lhes ser atribuído o «exclusivo» em relação a um ou outro sexo.

#### 5. *Desenvolvimento do potencial humano*

Este movimento é fortemente influenciado pela chamada «psicologia humanista», nascida como reacção e resposta ao freudianismo dominante.

A psicanálise freudiana interessa-se, primariamente, pelos aspectos neuróticos ou frustrados da personalidade, enquanto que a «psicologia humanista» se interessa pelo lado saudável do psiquismo humano procurando estimular e desenvolver as potencialidades de cada um.

A crítica que o movimento para o desenvolvimento do potencial humano faz à cultura ocidental é a de que ela produz seres unilaterais, dado que estimula apenas uma pequena parcela do potencial humano: as capacidades cognitivas, racionais e verbais. Todo o lado emocional, intuitivo e espiritual da personalidade permanece subdesenvolvido. A corrente em causa luta por um contexto cultural no qual todas as possibilidades humanas tenham ocasião de se desenvolver.

#### 6. *Tecnologias alternativas*

Os movimentos associados à procura de tecnologias alternativas são múltiplos. Têm em comum a mesma rejeição das tecnologias modernas, as quais, segundo eles, promovem a centralização do poder, criam uma elite técnica cujo poder é a competência, contribuem para a poluição do ambiente e o esgotamento dos recursos, favorecem o gigantismo, são violentas, tornam a sociedade vulnerável, alimentam a alienação e impedem as pessoas de serem auto-suficientes.

Como alternativa propõem-se:

- tecnologias subordinadas às necessidades sociais e sujeitas a controlo democrático;
- tecnologias favoráveis ao meio ambiente e susceptíveis de criarem empregos úteis e satisfatórios;
- tecnologias tão descentralizadas e tão autónomas quanto possível.

A grande contribuição dos movimentos que defendem esta alternativa é terem chamado a atenção para o carácter relativo dos modelos tecnológicos dominantes, desmitificando o «fatalismo» das leis da técnica e sugerindo novas formas do homem se relacionar com o meio natural e social.

#### 7. *Movimento anti-nuclear*

É, provavelmente, o movimento melhor organizado e o mais visível de todos os que foram referidos. Inicialmente o seu foco principal foi a resistência contra a introdução da energia nuclear. Nos últimos anos, começou a desenvolver-se em termos de procura de fontes de energia alternativas, de que a mais importante é a energia solar. A controvérsia «nuclear versus solar» poderá mesmo vir a converter-se no debate mais importante da década que agora começa.

Os militantes da causa anti-nuclear não se limitam a sublinhar os perigos físicos da utilização desta fonte de energia, problema para o qual uma solução técnica poderá um dia vir a ser encontrada. Preocupa-os também as consequências da utilização do nuclear ao nível da própria organização da sociedade. O futurista Robert Jungk chamou a atenção para a emergência do chamado «estado atómico». A energia nuclear poderá vir a exigir um estado fortemente centralizado e autoritário, que poderá mesmo converter-se em estado policial, em nome da protecção dos cidadãos contra os criminosos nucleares e contra grupos políticos radicais.

### RELAÇÕES E CONVERGÊNCIAS

As relações entre os vários movimentos são óbvias.

O movimento ecológico, o movimento ligado às tecnologias alternativas e o movimento anti-nuclear convergem na procura de uma nova relação entre o homem e a natureza e de novas formas de transformação do universo criado. Herbert Marcuse foi talvez o primeiro a demonstrar a natureza intrinsecamente

repressiva da moderna ciência e tecnologia. Segundo ele, a libertação social só será possível com uma mudança revolucionária da ciência e da tecnologia. Enquanto tal não acontecer a dominação da natureza permanecerá, simultaneamente, uma dominação do homem.

Os laços entre os movimentos espiritualistas, movimentos preocupados com o desenvolvimento do potencial humano e movimentos de procura de novos estilos de vida são também patentes. Os dois primeiros têm por objectivo o desenvolvimento de todas as faculdades humanas e acentuam uma visão globalizante da vida, sem expressão na actual cultura ocidental. A simplicidade voluntária como estilo de vida decorre do desejo de uma maior libertação em relação aos aspectos exteriores do quotidiano, de modo a permitir uma «vida interior» mais livre e mais real.

A ideia de uma cultura andrógina está intimamente ligada ao conceito de um ser humano total, tal como o defendem os movimentos para o desenvolvimento do potencial humano. Por outro lado, a visão do mun-

do dos grupos feministas é, em certo sentido, uma visão cósmica, com a consequente crítica de um antropocentrismo que, na cultura ocidental, muitas vezes se confunde com masculinismo. Pode ainda dizer-se que as mulheres têm uma particular sensibilidade ecológica que decorre do facto de se assumirem como biologicamente parte da natureza e não como seres que lhe são exteriores e que de fora a dominam.

Subjacente ao conjunto dos movimentos está uma ampla vaga societal que se apresenta como contrapartida em relação aos excessos do período marcado pelo industrialismo. Até onde se propagará essa vaga? Da sua força e impacto dependerá a fisionomia humana e cultural do Ocidente no fim de século para que caminhamos.

Bart van Steenberger  
Documento policopiado  
Utreque, Julho de 1980

## FORMAS DE ACÇÃO

*Um movimento social não é só um conjunto de objectivos: supõe também a participação de indivíduos numa acção colectiva.*

*Os animadores dos novos movimentos querem viver e organizar-se à imagem da vida social que pretendem criar. A mudança de comportamentos é para eles mais importante do que a mudança de ideias. São grupos mais «exemplares» do que pragmáticos, mais preocupados com os fins que têm em vista do que com as exigências de um combate eficaz. No fundo, interessam-lhes tanto a gratificação que sentem pela experiência vivida como a consciência da missão que realizam.*

*Igualmente significativa da procura de novas formas de organização é a utilização de um novo tom. Os movimentos sociais do passado comportavam-se como personagens épicos, heróis de canções de gesta que os dirigentes e os ideólogos declamavam em tom encantatório. Nos movimentos sociais de hoje, o tom passa da excitação e da denúncia à explicação, que pretende reforçar as convicções e não apenas provocar a mobilização.*

*A linguagem torna-se mais afectiva, mais carregada de humor. Já que a adesão não é institucional, há que acentuar o seu carácter inte-*

*rinamente voluntário e os sinais de reconhecimento mútuo. Cada um manifesta a sua rotura com o mundo frio da estratégia e da tecno-burocracia pela sua forma própria de ser, pela procura da diferença, pela contestação de toda e qualquer forma permanente de organização.*

*Resta mencionar a nova percepção do tempo e do espaço que caracteriza estes movimentos. Os movimentos sociais do tempo pré-industrial viveram num espaço estreito e num tempo muito longo. Os novos movimentos sociais vivem no imediato, como se o fim do mundo estivesse iminente: é agora que se tem de pôr termo ao poder nuclear; amanhã será demasiado tarde.*

*Este tempo sem projecção, que converte a escatologia em dimensão da vida quotidiana, vai de par com um alargamento do espaço quase infinito. Os novos movimentos sociais são planetários; os seus militantes são nómadas, cosmopolitas. E mais: a ecologia ensina-os a ultrapassar os limites das sociedades humanas e a reflectir sobre as condições de sobrevivência do eco-sistema no qual se integra o nosso sistema social.*

Alain Touraine  
in «L'après Socialisme»  
Grasset, 1980